

Expressões genéricas na comunidade LGBTQIA+

Generic expressions in the LGBTQIA+ community

Murilo Silva RIGAUD CAMPOS¹

Fernanda de Oliveira CERQUEIRA²

RESUMO: O presente artigo visa apresentar e discutir os resultados obtidos por meio da investigação de expressões genéricas (sintagmas determinantes – DPs – sem definitude, nem especificidade, como proposto por Cerqueira (2019a, 2019b)), no português brasileiro, com recorte na comunidade de prática LGBTQIA+. Para tanto, nos situamos no referencial teórico da sociolinguística de terceira onda (ECKERT, 2000 e posteriores), à medida em que compreendemos tais práticas linguísticas como elementos da identidade de seus falantes (CARVALHO, 2017a). Assim, nos amparamos na literatura gerativista (LYONS, 1987; MÜLLER, 2002; CERQUEIRA, MARIANO, 2020) para seleção das variáveis linguísticas, a saber, posição sintática do DP, tipo de DP, traços léxico-sintáticos (definitude, especificidade, animacidade, humano, singular, masculino) e gênero do referente. Após tratamento qualitativo, decorrente de coleta de dados em suporte digital *Twitter* de gênero textual *tweet*, verificamos que as expressões genéricas podem ocorrer em diferentes posições sintáticas, aparentemente, sendo favorecidas em posição de sujeito e de vocativo. Também ocorrem com diferentes tipos de DP, podendo ser favorecida com nome nu. Ademais, o item lexical *gay* permite concordância de gênero gramatical tanto masculina, quanto feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Sociolinguística. Construções relativas. Livro didático. Ensino médio.

ABSTRACT: This article aims to present and discuss the results obtained through the investigation of generic expressions (determining phrases - DPs - without definition or specificity, as proposed by Cerqueira (2019a, 2019b)), in Brazilian Portuguese, with a focus on the community of practice LGBTQIA+. To do so, we place ourselves in the theoretical framework of third wave sociolinguistics (ECKERT, 2000 and later), as we understand such linguistic practices as elements of the identity of their speakers (CARVALHO, 2017a). Thus, we rely on the generativist literature (LYONS, 1987; MÜLLER, 2002; CERQUEIRA, MARIANO, 2020) for the selection of linguistic variables, namely, syntactic position of DP, type of DP, lexical-syntactic features (definiteness, specificity, animacy, human, singular, masculine) and gender of the referent. After qualitative treatment, resulting from the collection of data in Twitter digital support of the textual genre tweet, we verified that the generic expressions can occur in different syntactic positions, apparently, being favored in the position of subject and vocative. They also occur with different types of PD, and may be favored with a bare name. Furthermore, the lexical item *gay* allows both masculine and feminine grammatical gender agreement.

¹ Graduando no curso de Letras Vernáculas, com habilitação em língua estrangeira moderna (inglês), no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. Bolsista Iniciação Científica com fomento do PIBIC/UFBA. E-mail: murigaud2000@gmail.com.

² Doutora em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. Atualmente, realiza Estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: f.cerqueira@hotmail.com / f.cerqueira@ufba.br. ORCID: 0000-0002-2515-9371.

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p131-144>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p.131-144.

KEYWORDS: Generic expressions; DPs generics; LGBTQIA+ Community; Third wave of sociolinguistics.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar, bem como discutir, os resultados a respeito de investigação preliminar sobre a variação do uso de sintagmas determinantes (DPs) caracterizados por expressões genéricas – aqueles cujas leituras léxico-semânticas são tanto indefinidas, quanto não específicas –, como pode-se verificar em (1). O estudo se dá mediante a realização de pesquisa qualitativa de dados do português brasileiro (doravante PB), com recorte na comunidade de prática LGBTQIA+³, cujas formas de uso são aqui tratadas como dialeto⁴ gay.

Conforme previsto em estudos gerativistas, tais como Lyons (1999) e Müller (2002), as expressões genéricas são sintagmas determinantes (doravante DP) em que se verifica forte relação entre os níveis morfossintático e léxico-semântico. Tendo isso em vista, trabalhos em que se assume a interferência do léxico na composição e na distribuição de DPs (CERQUEIRA, 2019a, 2019b, 2020b) defendem que, além de sua estrutura ser a de sintagma determinante (Determinante + Sintagma Nominal), as expressões genéricas também são aquelas cuja leitura semântica é simultaneamente indefinida e não específica. Assim,

[a]lém das leituras anteriormente expostas, consideramos que genericidade seja a propriedade de um nominal fazer referência a uma categoria com o sentido de tipo, espécie, gênero ou grupo (CARLSON, 1989, CARLSON; PELLETIER, 1995; KRIFKA et al., 1995; CHIERCHIA, 1995; SARAIVA, 1997; OLIVEIRA, 2001). Não obstante, assumimos que o DP genérico não dispõe de leituras identificável e particularizada, devido à ausência de [traços léxico-sintáticos de] definitude e de especificidade, respectivamente (CERQUEIRA; MARIANO, 2020, p. 603).

Portanto, assumimos com Cerqueira e Mariano (2020) que a leitura genérica verificada nas expressões aqui em estudo são fruto das leituras semânticas indefinida e não específica, as quais, por sua vez, decorrem da ausência dos traços de definitude e de especificidade na composição desse tipo de sintagma.


Desse modo, os dados em (1a) representam o fenômeno aqui investigado, em oposição ao (1b), em que há leitura definida e específica do DP, ainda que ambos estejam em posição de sujeito.

(1) a. **Bicha** adora close.

b. **A bicha que é bonita** não se esconde.

³ A sigla LGBTQIA+ refere-se a **Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e/ou Travestis e/ou Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais** e mais expressões de gênero e de sexualidade. Logo, possui papel fundamental no âmbito das políticas públicas e do fortalecimento coletivo de tais sujeitos/as/es.

⁴ Em acordo com a terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2000, 2006), entendemos que a variação se dá no âmbito da comunidade de prática. Portanto, pode culminar na formação de um dialeto amparado em aspectos identitários e ideológicos. Respeitamos a concepção tradicional de dialeto apresentada por Serafim da Silva Neto, amparada geoespacialmente, nos estudos dialetológicos (cf. CARDOSO, 2006; MOTA, 2006), embora não seja esse o viés que orienta o conceito de dialeto no presente trabalho.

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p131-144>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p.131-144.

Na primeira sentença, em (1a), o DP em destaque pode referir-se a toda e a qualquer “bicha”, o que induz à compreensão de que esse seja um perfil e/ou comportamento da classe. Por outro lado, na segunda sentença, em (1b), embora não seja possível precisar “qual bicha é bonita”, sabe-se que “essa bicha” se caracteriza por “não se esconder”.

Por sua vez, a escolha da comunidade de prática em questão se dá pela observação de que os usos dos indivíduos que fogem de expectativa cisheteronormativa⁵ ainda não possuem atenção significativa da linguística teórica mais ortodoxa, apesar das contribuições de Carvalho (2017a, 2020, 2021), Borba (2019, 2022), Borba e Lau (2019), entre outros⁶. Diante disso, o perfil da pesquisa, situado nos estudos sociolinguísticos de terceira onda, nos serve de amparo, uma vez que o critério para definição de comunidade de prática é o da identidade social em fluxo (HALL, 1992; SAMPAIO, 2022), isto é, o conceito de comunidade de prática está alicerçado na identidade dos indivíduos que despendem práticas sociais identitárias em comum (ECKERT, 2006; CARVALHO; ALMEIDA, 2017).

A sociolinguística, cujo objeto é o estudo da variação linguística, haja vista que língua é concebida a partir da sua heterogeneidade, manifesta-se por meio de três movimentos distintos, que não são excludentes, muito menos sucessórios. Tais manifestações apresentam concepções de comunidade e, com efeito, tratamentos particulares de amostras de fala. Nesse sentido, enquanto a primeira e a segunda onda da sociolinguística enveredam o debate acerca do conceito de comunidade de fala, a terceira onda, por sua vez, centra-se na comunidade de prática.

A primeira onda possui um lócus de caráter geográfico, isto é, os estudos sociolinguísticos que se ancoram nesse movimento entendem por comunidade de fala um grupo de pessoas que compartilham das mesmas práticas linguísticas, a qual é definida com base nos usos feitos em um dado território geográfico. A segunda onda soma ao aspecto geográfico um caráter etnográfico, pois, em um mesmo território pode haver variados grupos étnicos, afetando suas manifestações de uso e, conseqüentemente, o fenômeno da variação. A terceira onda, por sua vez, possui uma característica mais disruptiva, quando comparada com as outras duas, porque rompe com a ideia de fronteira física, passando a operar no campo das identidades e das ideologias.

Não por acaso, as comunidades de prática podem ser compreendidas por “[...] um grupo de pessoas agregadas em função de um engajamento [social] mútuo e de um empreendimento comum [...]” (ECKERT, MCCONNELL-GINET, 2010, p. 102). Desse modo,

[e]m sua proposta teórica, situada como prática social (LOPES, 2009), Eckert (2000, 2005, 2006) e Eckert e McConnell-Ginet (2010) consideram os informantes como sujeitos que, ao se inserirem em redes sociais, constituem categorias sociais e constroem constantemente o significado social da variação (CERQUEIRA, 2020a, p. 78).

⁵ Normas socio-interacionais ambientadas simultaneamente em práticas cisgênero, no que tange à identidade de gênero, bem como heterossexuais, no que concerne à orientação sexual (AKOTIRENE SANTOS, 2018).

⁶ O pronome indefinido “outre”, em referência a uma linguagem “neutra” (cf. SCHWINDT, 2020), é utilizado aqui com intuito de demarcar as diferentes identidades que têm produzido narrativas linguísticas acerca da comunidade LGBTQIA+.

Por essa razão, Eckert (2003) defende como lócus dos estudos sociolinguísticos as comunidades de práticas sociais, uma vez que esses são os “[...] espaços interacionais de construção de significados sociais onde as identidades, tanto individuais como grupais, estão sendo constantemente construídas” (CARVALHO; ALMEIDA, 2017).

Sendo assim, para cumprir com nosso objetivo de apresentar e discutir os resultados obtidos por meio da investigação de expressões genéricas, no português brasileiro, com recorte na comunidade de prática LGBTQIA+, o trabalho divide-se nas seguintes subseções: 1. Compreendendo as expressões genéricas; 2. Estabelecendo o enquadramento teórico-metodológico; 3. Resultados obtidos até o momento; Considerações finais e Referências.

Compreendendo as expressões genéricas

De acordo com Lyons (1999), as expressões genéricas são investigadas por diferentes abordagens, tais como a Semântica Formal, a Semântica Lexical e a Sintaxe Gerativa. Para esse autor, a última abordagem é estratégica à medida que permite reflexão associada dos níveis morfossintático e léxico-semântico, embora, a depender do enfoque, possa haver priorização pelo primeiro ou pelo segundo. Em função disso, nos debruçamos sobre essa corrente teórica a fim de apontar alguns caminhos já definidos na literatura da área, para compreensão do fenômeno das expressões genéricas.

Conforme já explicitado na primeira seção, entende-se por expressão genérica ou DP genérico aquela/e que não é nem definida/o, nem específica/o, isto é, “esses sintagmas [...] não apresentam nem leitura particularizada, nem leitura identificável, aparentemente, devido à ausência dos traços de definitude e de especificidade, em sua composição de traços no léxico” (CERQUEIRA; MARIANO, 2020, p. 606).

Tendo em vista que os traços de definitude e de especificidade são componentes da categoria pessoa (CERQUEIRA, 2020b), a compreensão de suas leituras está diretamente associada ao compartilhamento de informações entre os participantes da enunciação (BENVENISTE, 1976). Se os DPs, de modo geral, correspondem à terceira pessoa, refletir como as leituras léxico-semânticas dessa categoria podem influenciar em seus usos parece ser um caminho para compreensão do fenômeno em investigação.

Considerando que a categoria pessoa seja resultado da associação entre as decorrentes de definitude e de especificidade, assume-se, com base em Cerqueira e Mariano (2020) que definitude é identificado quando o referente de uma expressão nominal é acessível tanto ao falante, quanto ao ouvinte. Já o traço de especificidade é presente quando o referente de uma expressão corresponde uma parcela da totalidade dos possíveis referentes, ou seja, permite uma particularização do referente.

Cerqueira e Mariano (2020) apresentam a proposta acima considerando os resultados de Muller (2002), sobre expressões genéricas, no qual evidencia que, em PB, a estrutura do sintagma determinante não é o único fator preponderante para suas leituras semânticas. Assim, a leitura genérica, por exemplo, dá-se diante de “[...] [a]rgumentos nus sem número [que] ocorrem em sentenças genéricas com uma leitura universal” (MÜLLER, 2002, p. 331). Ou seja, a posição sintática do DP pode, de acordo com Müller (2002), favorecer seu comportamento como expressão genérica.

Logo, assumimos com Cerqueira e Mariano (2020) que as expressões genéricas são verificadas através das relações de interface entre os níveis morfossintático e léxico-semântico. Portanto, com base nos trabalhos realizados pelos autores supracitados, os quais resultam de nosso levantamento bibliográfico, é a interface entre esses níveis que determina o caráter genérico do sintagma determinante.

Considerando o exposto, podemos ver três exemplos (2-4)⁷, a partir dos dados coletados, que explicitam a diferença entre o que é uma expressão definida, em (2), específica, em (3), e genérica, em (4), embora possam ser correspondentes (caso de definitude e de especificidade) ou não (caso de genericidade).

- (2) Eu sou **um viadinho** privilegiado demais. (+ definido, + específico).
 (3) Porque **bicha safada** só leva na cara. (- definido, + específico).
 (4) **Viado** gosta muito mais, viu. (- definido, - específico).

Na ocorrência, em (2), identificamos claramente quem é o “viadinho”, nesse caso, o próprio locutor, por isso, pode-se afirmar que se trata de uma expressão definida, uma vez que é identificável. Apesar de o DP “um viadinho” apresentar como determinante o artigo indefinido “um”, sua leitura é definida, já que, contextualmente, o DP em questão refere-se ao falante da sentença, por isso, identificável.

Na segunda ocorrência, em (3), não conseguimos identificar quem é a “bicha” em questão, mas concluímos que não é qualquer “bicha”, já que é uma “bicha safada”. Logo, não há a identificação do referente, mas há uma particularização do mesmo, conferida pelo adjetivo “safada”, o que permite a compreensão dessa expressão como específica.


Já última ocorrência, em (4), apresenta o DP “viado”, sendo em que é impossível tanto a identificação, quanto a particularização, portanto, configura-se como uma expressão genérica ou DP genérico, uma vez que não é nem definida, nem específica, fazendo referência à toda categoria “viado”.

Estabelecendo o enquadramento teórico-metodológico

A pesquisa foi desenvolvida na seguinte ordem: levantamento de referencial bibliográfico, coleta e seleção de dados, e, por fim, tratamento e análise dos dados selecionados para pesquisa. Nesse processo, percebemos que a teoria gerativa apresenta contribuições para a pesquisa em sociolinguística de terceira onda, à medida que fornece subsídios para o mapeamento da natureza e do comportamento da expressão genérica, conforme discutido na seção anterior. Temos consciência da carência de enquadramento ontológico no que diz respeito à concepção de língua das duas abordagens, mas a intenção aqui é de acionar os pressupostos da gramática gerativa exclusivamente na delimitação do fenômeno em âmbito formal, de modo que o tratamento de seus usos é endereçado à sociolinguística.

As primeiras etapas foram realização de leituras, com seus devidos fichamentos, de participação, como ouvinte em eventos acadêmicos, seguidas por algumas apresentações. Além disso, orientações periódicas e discussões no grupo de estudos do

⁷ Não foram encontrados DPs com sequência (+ definido, - específico) no *corpus* selecionado, apesar de serem possíveis (cf. CARVALHO, 2017b, CERQUEIRA, 2019a, 2019b).

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p131-144>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p.131-144.

grupo de pesquisa⁸ contribuíram para um olhar mais maduro sobre fenômeno em questão, as quais colaboraram com a discussão estabelecida.

Devido ao cenário de isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19, a coleta de dados em campo, com amostras de fala registrada em inquéritos, método classicamente empregado nas investigações sociolinguísticas, ficou impossibilitada. Como alternativa, recorremos à rede social *Twitter*, de modo que essa escolha se deu por algumas razões, a saber:

a. a vasta gama de usuários dessa rede social, dentre os quais, muitos membros da comunidade LGBTQIA+;

b. essa plataforma possui como ferramenta uma rede de busca muito eficaz, ao passo que foi possível filtrar a pesquisa/busca por nome. Assim, a coleta das ocorrências foi mais rápida;

c. devido às publicações nessa rede social serem em perfis anônimos e/ou com fim de interação informal, foi possível identificar marcas de oralidade nesse suporte de gênero textual, uma vez que as situações comunicativas menos informais se aproximam das modalidades orais da língua, o que colaborou com a constituição das amostras de “fala”, em função da espontaneidade na produção dos registros.

A busca na plataforma foi realizada pela localização de DPs produtivos na comunidade de prática em questão, nessa etapa, sem avaliação de seu juízo de valor. Sendo assim, entre os pesquisados no buscador estão os itens lexicais: viado, viadinho, gay, LGBTQIA+, bicha, maricona e semelhantes. Ao avistarmos algum *post* produtivo na comunidade LGBTQIA+⁹, realizávamos o registro por meio do recurso *printscreens*. Ao fim, totalizaram-se 42 registros de tela, os quais foram alocados em slides enumerados, a fim de facilitar sua localização.

Após a coleta, o tratamento dos dados foi iniciado. Para tal ação, organizamos uma tabela com algumas informações dispostas em colunas para fins de sistematização, enquanto outras colunas apresentavam as variáveis linguísticas selecionadas, com base no desenvolvimento da primeira etapa, para investigar o comportamento do fenômeno.

Desse modo, a tabela apresentou 12 colunas e 96 ocorrências. A justificativa para que o número de ocorrências seja diferente do número de registros de tela se dá pelo fato de que em um mesmo registro, às vezes, havia mais de uma ocorrência. Logo, as ocorrências foram analisadas por DP observado.


Tabela 1: Espelho do banco de dados

Nº	Ocorr.	Im g	Posição sintática	Tipo de DP	Def.	Esp.	Anim.	Human o	Masc.	Sing .	Gênero do referente
74	A bicha tá linda	31	sujeito	artigo defini do	sim	sim	sim	sim	não	sim	feminino

Fonte: Elaborada pelos autores, com base no banco de dados

⁸ PHINA – A sintaxe-phi das línguas naturais, certificado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – Lattes, do Cnpq desde 2010, sob o endereço: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4318083092177823.

⁹ Para melhor compreensão do perfil da comunidade de prática LGBTQIA+, bem como suas relações de pertença por meio de práticas sociais, filiação ideológica, identidade de gênero e orientação sexual, ver Carvalho e Almeida (2017).

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p131-144>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p.131-144.

A tabela 1 ilustra como o tratamento e a análise inicial foram feitas por DP em cada ocorrência. Na ilustração, encontra-se a ocorrência de número 74, em que há a transcrição da sentença “A bicha tá linda”, a qual se encontra alocada no slide de número 31. O DP em análise está destacado. A seguir, encontram-se as variáveis linguísticas selecionadas com base na revisão bibliográfica dos estudos gerativistas apresentados na seção anterior, a saber: Posição sintática do DP, Tipo de DP, Definitude, Especificidade, Animacidade, Humano, Masculino, Singular e Gênero do Referente, as quais nos auxiliaram na investigação do comportamento dos DPs em avaliação, haja vista que consideramos a interface existente entre os níveis morfossintático e léxico-semântico, com base em Cerqueira e Mariano (2020).

Com intuito de fundamentar melhor a descrição do fenômeno, adiante, justificamos as escolhas das variáveis linguísticas selecionadas, as quais já se mostraram relevantes, como já dito, nos trabalhos elencados na revisão bibliográfica (CARVALHO, 2017b, CERQUEIRA, 2019a; CERQUEIRA, 2020b; CERQUEIRA; MARIANO, 2020). Sendo assim,

- a. **posição sintática do DP** – visa informar as posições sintáticas em que os DPs ocorrem, a fim de investigar se as mesmas influenciam a ocorrência de expressões genéricas na comunidade de prática em questão;
- b. **tipo de DP** – objetiva informar os tipos de DPs, no que tange à sua estrutura morfossintática, uma vez que se questiona em que medida a morfologia do DP interfere em sua leitura semântica¹⁰;

Os traços de **definitude** e de **especificidade** foram elencados, pois a expressão genérica só se dá quando os dois traços estão ausentes na notação léxico-sintática do DP, conforme proposto por Cerqueira (2019a, 2019b).

- c. **definitude** – visa identificar se a ocorrência possui ou não traço de definitude, ou seja, se é passível de leitura identificável;
- d. **especificidade** – pretende identificar se a ocorrência possui ou não traço de especificidade, decorrente de leitura particularizada;
- e. **animacidade** – objetiva identificar se a ocorrência possui ou não traço de animacidade, isto é, se o DP se refere a um ser vivo ou não;
- f. **humano** – busca identificar se a ocorrência possui ou não traço humano, a fim de investigar se além de animada, a expressão genérica, nessa comunidade, é favorecida pela condição de [+humana];
- g. **masculino** – visa identificar se o DP possui leitura correspondente ao gênero gramatical masculino, ao passo que sua ausência implica, automaticamente em leitura de gênero gramatical feminino;
- h. **singular** – busca identificar se o DP possui leitura correspondente à manifestação de quantificação cardinal nas línguas românicas, expressa por singular (interpretação única), de modo que sua ausência implica, conseqüentemente, em leitura pluralizada, expressa por plural;

O **gênero do referente** foi levado em consideração, por conta de muitos membros da comunidade LGBTQIA+ não relacionarem rigidamente a flexão de

¹⁰ Em (2), por exemplo, “Eu sou **um viadinho** muito privilegiado”, apesar do núcleo D do DP ser um artigo indefinido, sua leitura semântica é definida.

gênero gramatical com a leitura social de gênero. Dito de outro modo, no dialeto gay é comum que o gênero social oriente as relações de concordância nominal de gênero gramatical. Dessa forma, o escopo da pesquisa fica maior, permitindo observações mais amplas e reveladoras, no que concerne às práticas linguísticas dessa comunidade. Logo,

- i. **gênero do referente** – objetiva indicar qual é o gênero social do referente, o qual pode ou não coincidir com o gênero gramatical¹¹.

Diante disso, cabe destacar que, tradicionalmente, os estudos sociolinguísticos consideraram a variável **gênero/sexo** como reveladora para a análise do fenômeno da variação linguística (WEINERICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), uma vez que, em sua fundação, em meados do século XX, acreditava-se que mulheres tenderiam a preservar as variantes conservadoras, haja vista que estão menos expostas às redes comunicativas tais como mercado de trabalho e fluxo migratório.

Contudo, dois questionamentos fazem-se necessários mediante essa premissa:

1. Quais mulheres, mesmo da década de 60, se enquadram nessa realidade social? Sabe-se, com base em estudos feministas e antropológicos (DAVIS, 2016 [1981]), que as condições sociais impostas por machismo, sexismo e patriarcado não são as mesmas para mulheres de modo universal. Logo, marcadores de raça, de classe, de identidade de gênero, de sexualidade, de faixa etária, de região e de comprometimento físico/mental são reguladoras de suas condições de acesso às múltiplas redes comunicativas, sobretudo, às de poder.
2. Em que medida esse cenário, em sua ambivalência, se mantém na contemporaneidade, se considerarmos os movimentos sociais pela emancipação feminina, também em sua diversidade, bem como seus resultados?

Tendo em vista questões dessa ordem, a pertinência da variável **sexo**, conforme prevista tradicionalmente, foi problematizada por Chambers (1995), de onde passa a emergir uma proposta sutil de distinção entre as variáveis **sexo** e **gênero**, até então, tratadas como sinônimas.

Com efeito, uma discussão mais robusta surge com Eckert e McConnell-Ginet (2003), que postulam a distinção expressa entre **sexo biológico** e **gênero social**, as quais devem ser cuidadosamente mensuradas antes de serem eleitas como variáveis na pesquisa de perfil sociolinguístico. Isso porque, quando consideramos **sexo biológico**, estamos dando ênfase às genitálias, que são definidas pela fusão das células sexuais no momento da fecundação, ou seja, há uma concepção biológica em jogo que pode ou não reverberar em papel social. Por outro lado, o **gênero social** corresponde tanto ao modo como essas características biológicas podem ser lidas, como também ao modo como os sujeitos se identificam socialmente e, portanto, performam essa identidade de gênero.

Não por acaso, trejeitos, performances, movimentos estéticos e escolhas linguísticas que são consideradas masculinas em um lugar, podem ser consideradas femininas em outros e vice-versa, especialmente, em perspectiva contracolônia (CERQUEIRA; BITTENCOURT, 2021) e/ou decolônia (LANDULFO; MATOS, 2022). Contudo, é importante salientar que tanto o gênero quanto o sexo não são estritamente binários, pois, pessoas intersexuais e/ou não-binárias rompem com a

¹¹ Para uma discussão mais profunda sobre as relações de gênero gramatical e social, ver Carvalho (2020) e Carvalho (2021a, 2021b).

concepção vigente, que é tida como natural e imutável, sobretudo, no ocidente (OYÈWÚMI, 1997).

Em vista disso, compreendemos a importância de verificar separadamente o gênero gramatical do gênero do referente, haja vista a necessidade de avaliar em que medida eles convergem ou não na nessa comunidade de prática. Na seção seguinte, discutiremos os resultados obtidos nessa etapa da pesquisa, com base nas variáveis selecionadas, apuradas na amostra inicial: Posição sintática do DP, Tipo de DP, Definitude, Especificidade, Animacidade, Humano, Masculino, Singular e Gênero do Referente.

Resultados obtidos até o momento

Após o levantamento das ocorrências transcritas na planilha de dados composta para tratamento do *corpus* selecionado, todas aquelas que apresentaram leitura definida e/ou específica foram descartadas¹², restando 41 transcrições de natureza genérica das 96 coletadas inicialmente. Assim, os resultados da pesquisa a partir das variáveis investigadas, com base na análise qualitativa¹³, foram as apresentadas adiante.

Quanto à primeira variável analisada, a **posição sintática do DP**, encontramos os DPs atuando na sentença em posições de sujeito, como em (5), predicativo do sujeito, como em (6), predicativo do objeto, como em (7), objeto direto, como em (8), objeto preposicionado, como em (9), vocativo, como em (10), adjunto adnominal, como em (11), e complemento nominal, como em (12).

(5) “Só pq **gays** são mais soltos que homens héteros eles são mal educados?”. [sic]

(6) “Meu Deus, como é bom ser **viado**”.

(7) “Quando a gay é impedida de ser **gay** na adolescência ela chega na fase adulta com a potência de um exército de viado”.

(8) “Fazem **gays** usarem uma máscara para serem o que não é”. [sic]

(9) “Depois, enquanto eu atendia outro paciente, ele entrou na sala para solicitar uma medicação e me pediu desculpa, disse que na verdade se coçava quando comia ‘carne de v[e]ado’, que não quis se referir a **homossexuais**”.

(10) “Ai **bicha**, o Corinthians tá lascado, é muita cachorrada”.

(11) “Homofóbica¹⁴?? Porque eu teria medo de **um viadinho**”. [sic]

(12) “Quando a gay é impedida de ser gay na adolescência ela chega na fase adulta com a potência de um exército de **viado**”.

Embora não tenhamos realizado tratamento quantitativo, verificamos o possível favorecimento do DP em posições de sujeito e de vocativo. Por sua vez tais manifestações de uso podem ter certa associação com o gênero textual *tweet*, em suporte digital *Twitter*, haja vista que se trata de um suporte digital designado a veicular gêneros textuais

¹² O descarte foi feito por, como já dito, compreendermos expressões genéricas como DPs cuja notação de traços léxico-sintáticos não contém os traços de definitude e de especificidade. Logo, foi preciso excluir DPs em que tais traços estivessem presentes, haja vista que sua presença compromete a leitura genérica (CERQUEIRA, 2019a, 2019b)

¹³ Há intuito de, em etapa futura da pesquisa, desenvolver investigação quali-quantitativa. No entanto, não o fizemos nesse momento por considerar tanto a necessidade de ampliação da amostra, para constituição de *corpus* melhor consolidado, bem como de observação da relevância das variáveis selecionadas. Portanto, apesar de não ser possível efetuar etapa quantitativa no presente ciclo da pesquisa, há intento de realiza-la em oportunidade futura.

¹⁴ Cabe destacar que a sentença foi produzida por uma pessoa LGBTQIA+, o que informa a diversidade, bem como as tensões presentes nesse grupo. Todavia, não avançaremos nessa discussão no presente trabalho.

pessoais, de modo semelhante, em muitos casos, ao gênero textual *diário pessoal*. Nesse sentido, pretendemos atestar ou refutar tal hipótese em etapa futura da pesquisa, mediante a constituição de *corpus* com maior amostra de dados, em que será realizada a etapa quantitativa.

Quanto à segunda variável, **tipo de DP**, verificamos que se o DP em questão tinha seu núcleo D preenchido por algum elemento gramatical da categoria determinante ou se essa posição estaria nula¹⁵. Assim, em termos de realização do núcleo D, foram encontrados preenchimentos com artigo definido, como em (13), artigo indefinido, como em (14), preposicionado¹⁶, como em (15), nome nu¹⁷, como em (16), e com quantificador, como em (17).

(13) “Tem quem chama **as gays** mais velhas dê mariconna kkkkkkkk tipo depois dos 50 anos”. [sic]

(14) “Todo trio icônico tem: **um viado**, um bonitão e uma gostosa que é a chfona #TFATWS #SamWilson”. [sic]

(15) “Atendendo na UPA, perguntei ao paciente se ele tinha alergia. Ele respondeu: sou alérgico a **_ viado**, ladrão, criminoso, etc”.

(16) “Se o Gil for pro paredão e eu ver **_ viadinho** contra ele pra deixar macho escroto pra depois aí sim vai ser bloq pq tem que ser muito fdp”. [sic]

(17) “**Quantos travestis** e **_ gays** são mortos por conta dessa retórica de que eles não são naturais, que eles são endemoniados?”.

Conforme previsto, aparentemente, há favorecimento da expressão genérica quando o sujeito é um DP nu ou nome nu. No entanto, conforme atestado por Müller (2002), a morfossintaxe do DP não parece um elemento delimitador de sua leitura semântica, em PB, conforme pretendemos verificar em etapa futura.

As próximas variáveis indicam avaliação dos **traços semânticos dos DPs**, comportando-se como expressões genéricas, investigados. Todos os DPs apresentaram condição negativa para definitude e para especificidade, em acordo com a metodologia supracitada. Em oposição, houve presença positiva de traços de animacidade e de humano em todas as ocorrências. Especulamos que a presença desses traços seja obrigatória, na notação do DP com valor de expressão genérica nessa comunidade, pois estamos tratando de DPs que, embora genéricos, referenciam indivíduos comunidade LGBTQIA+, ou seja, pessoas. Portanto, animadas e humanas.

No que diz respeito à **marcação gramatical de gênero**, encontramos marcação feminina, como pode-se verificar em (18), e masculina, conforme ilustrado em (19).

(18) “E em que **os gays** ‘faltam’ o respeito?”.

(19) “Tem quem chama **as gays** mais velhas de mariconna kkkkkkkk tipo depois dos 50 anos”. [sic]

¹⁵ Sabe-se que em algumas abordagens formalistas a ausência de preenchimento do núcleo D implica, automaticamente, na presença de estrutura de NP (Sintagma nominal). Porém, assumimos com Abney (1987) que, por questões de dominância e precedência, estruturas de NP são categoricamente dominadas por DP. Logo, sempre que há um NP o DP o domina, mesmo com o núcleo D nulo.

¹⁶ Cabe destacar que, de acordo com Chomsky (1981), a estrutura sentencial determina que PP (sintagmas preposicionais), em posição de argumento, de adjunto e de periferia, dominam DPs por ele c-comandados. Diante disso, avaliamos aqui se o DP é c-comandado por um PP, não o contrário.

¹⁷ Na literatura formalista (MÜLLER, 2000), nome nu é o termo adotado para expressar DPs cujo núcleo funcional D não seja realizado, por sua vez o NP é realizado sem artigo, sem pronome demonstrativo, pronome possessivo, pronome indefinido ou quantificador.

Há um aspecto interessante identificado entre as sentenças em (18) e (19), o fato de o DP “gay” permitir concordância gramatical de gênero tanto feminina, quanto masculina. Esse mesmo DP apresenta comportamento singular quanto à **variável número**. Quando o nome “gay” apresenta leitura genérica, aparece frequentemente no plural. Porém, no que diz respeito aos outros DPs, a marcação ou não marcação de plural não influenciaram a ocorrência do fenômeno.

Outro ponto interessante sobre gênero gramatical foi verificado em (20), em que há concordância de gênero gramatical rasurada pela identidade de **gênero do referente**, comportamento não previsto pela gramática normativa luso-brasileira. Em (20), o substantivo masculino concorda com um adjetivo feminino, demarcando o caráter híbrido, em termos de gênero, envolto na comunidade de prática investigada.

(20) “Pensar que eu ainda vou ser chamado de **tio maricona**”.

Tal uso parece ser uma evidência para a necessidade de distinção entre as variáveis gênero gramatical e gênero do referente na referida comunidade de prática.

A última variável, **gênero do referente**, trouxe resultados tão interessantes quanto as anteriores. A primeira constatação foi a diversidade de referentes, pois foram encontrados referentes masculinos, como em (21)¹⁸, femininos, como em (22), indeterminados, como em (23), e nulos, como em (24).

(21) “Tem uma frase que meu pai adora falar ‘mulher gosta de dinheiro, quem gosta de homem é **gay**’ kkkkkkkkkk”. [sic]

(22) “Quantos **travestis** e gays são mortos por conta dessa retórica de que eles não são naturais, que eles são endemoniados”.

(23) “Não querido, os **LGBTQIA+** sempre respeitam o próximo”.

(24) “Tô com mania de falar ‘**bixa**’ KKKKKKKK”. [sic]

O dado em (21) foi considerado masculino, posto que, diante do contexto discursivo, pode-se avaliar um padrão hegemônico cisheteronormativo no que tange à prática linguística, haja vista que é proferido um ditado popular em que se há estereotipia de gênero, quer com mulheres, em sua diversidade, quer com homens gays. Já o dado em (22) foi considerado feminino, pois, apesar do gênero gramatical do quantificador “quantos”, travesti é uma identidade de gênero feminina, por isso a avaliamos como tal.

Em oposição, o dado em (23) foi classificado como indeterminado, pois, uma vez que a comunidade LGBTQIA+ é composta por indivíduos de múltiplas expressões de gênero, a concepção binária de gênero social não comporta, nem respeita as identidades performadas por essas pessoas. Isto é, não é possível, nesse caso, precisar o gênero social por meio de uma relação gramatical morfossintática de gênero. Já o dado (23) é tratado como nulo, por não apresentar um referente na enunciação, pois há intuito de retomada do item lexical por si só, sem associação a um ente da comunicação.

Ainda sobre os resultados acerca da última variável, constatou-se que o item lexical “gay” apresenta leitura indeterminada para LGBTQIA+ e afins, podendo favorecer, por sua vez, a leitura genérica. Tal hipótese é pautada em um dos registros em que se exibiu uma discussão sobre homoafetividade e, frequentemente, o nome “gay” foi acionado como sinônimo para LGBTQIA+, como em (25) e (25’).

(25) “É falta de respeito ficar se pegando na rua isso vale pra quem é **gay** ou não”.

¹⁸ Sabemos da problemática sexista e heteronormativa presente nesse enunciado. Contudo, discutir essa formação discursiva não está previsto no escopo atual dessa pesquisa.

(25') “É falta de respeito ficar se pegando na rua isso vale pra quem é LGBTQIA+ ou não”.

Percebemos que a substituição do DP “gay” pelo DP “LGBTQIA+” não trouxe prejuízo de sentido para sentença, quando seu contexto sentencial é levado em consideração. Essa ausência de prejuízo é interessante, tendo em vista que LGBTQIA+ é uma sigla que comporta outras identidades, bem como a própria identidade gay. Todavia, não enveredaremos, no momento, por essa discussão, haja vista que questões discursivas de heteronormatividade precisarão ser adicionadas para compreensão mais apurada desse uso.

Em síntese, as expressões genéricas podem ser favorecidas em posição sintática de sujeito e de vocativo. Aparentemente, o tipo de DP que parece favorecer a expressão genérica é do tipo nome nu/DP nu. Quanto aos traços semânticos, nessa comunidade, as expressões genéricas são sempre animadas e humanas, ainda que sempre indefinidas e não específicas. Embora também ocorram no singular, as expressões genéricas podem ser favorecidas na forma de plural. Por fim, é possível ausência de correspondência canônica entre o gênero gramatical e o gênero do referente.

Considerações finais

Com base nos resultados da pesquisa, podemos observar o quanto a prática linguística da comunidade LGBTQIA+ pode vir a contribuir com as investigações no âmbito da ciência da língua(gem) em muitas das suas bases, fronteiras e interlocuções. A identidade impressa na fala dos sujeitos componentes dessa comunidade de prática reafirma o caráter identitário da língua, identidade essa que se expressa das mais variadas formas (CERQUEIRA, 2020a). Podemos citar, por exemplo, o fato de haver uma maleabilidade na concordância do gênero morfológico com o gênero social do falante ser algo observável, aparentemente, apenas nessa comunidade de prática. Isso evidencia uma singularidade que define bem o perfil social, ideológico e linguístico de quem o faz, indicando a necessidade de mais investigações acerca da comunidade em si, bem como do fenômeno em questão. Logo, pretendemos verificar, em etapa futura, os resultados aqui obtidos, em estudo quali-quantitativo, realizado em *corpus* com maior amostra de dados.

Referências

- ABNEY, Steven P. *The English Noun Phrase in its sentencial aspects*, 1987, 234f. Tese (Doutorado em Filosofia da Linguagem) – MIT, Cambridge, 1987.
- AKOTIRENE SANTOS, Carla A. da S. *O que é interseccionalidade?* Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018, 143p.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Nacional, 1976. p. 277-283.
- BORBA, Rodrigo. Enregistering -gender ideology-. *Journal of Language and Sexuality*, v. 11, p. 57-79, 2022.

- BORBA, Rodrigo. The interactional making of a -true transsexual-: Language and (dis)identification in trans-specific healthcare. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 2019, p. 21-55, 2019.
- BORBA, Rodrigo; LAU, Heliton D. *Conhecendo a Linguística Queer: Entrevista Com Rodrigo Borba*. Revista X, v. 14, p. 8, 2019.
- CARDOSO, Suzana A. M. Diatopia e Diastratia no Português do Brasil: Prevalência ou Convivência? In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A.; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Edufba, 2016, p. 359-380.
- CARVALHO, Danniell da S. Autopercepção e Empatia em Comunidades de Prática Gays em Salvador, Bahia. *Colóquio Do Museu Pedagógico*, v. 12, p. 557-562, 2017a.
- CARVALHO, Danniell da S. *The internal structure of personal pronouns*. London: Cambridge Scholars Publishing, 2017b, 140p.
- CARVALHO, Danniell da S. As genitálias da gramática. *Revista da Abralín*, p. 1-21, 2020. <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1693>> Acesso em 03 de março de 2022.
- CARVALHO, Danniell da S. *A domesticação da gramática de gênero*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2021a. v. 1. 174p.
- CARVALHO, Danniell da S. Sobre a Domesticação do Gênero Gramatical. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 60, p. 248-267, 2021b. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661465#:~:text=As%20categorias%20gramaticais%20conhecidas%20no,a%20descri%C3%A7%C3%A3o%20das%20diversas%20%C3%ADnguas.>>> Acesso em 29 de fevereiro de 2022.
- CARVALHO, Danniell da S.; ALMEIDA, Rafael G. . Autopercepção e Identidade Linguística em Comunidades de Prática Gays em Salvador, Bahia. *Sociodialeto*, v. 7, p. 82-98, 2017. Disponível em <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/56>> Acesso em 07 de março de 2022.
- CERQUEIRA, Fernanda de O. *O pronomes pleno de terceira pessoa: estrutura interna e relações referenciais*. 2019. 152f. Tese (Doutorado em Letras / Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, Salvador, 2019a.
- CERQUEIRA, Fernanda de O. A arbitrariedade de terceira pessoa no português brasileiro. In: CARRILHO, E.; MARTINS, A.M.; PEREIRA, S. (Orgs.). *Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro*, Lisboa: Editora ULisboa, 2019b, p. 477-507.
- CERQUEIRA, Fernanda de O. O português como comunidade de prática: concordância nominal e identidade racial. *Revista Traços de Linguagem*, Cáceres, v. 4, n. 1, p. 75-88, 2020a. Disponível em <<https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4644>> Acesso em 07 de março de 2022.
- CERQUEIRA, Fernanda de O. Pronomes pessoais: participante e determinação como componentes de referência. *Estudos interdisciplinares da linguagem* – v 01. Campina Grande: Realize Editora, 2020b, p. 95-114.
- CERQUEIRA, Fernanda de O.; MARIANO, Victor C. Sobre a morfossintaxe da determinação nominal dos DPs em português. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*. n. 68, n ESPECIAL, p. 597-614, 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/38997>> Acesso em 27 de fevereiro de 2022.



CERQUEIRA, Fernanda de O.; BINTTENCOURT, Rômulo G. Carne macia com ossos afiados: epistemicídio e multilinguismo em Hibisco Roxo, de Chimamanda Adichie. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 60, p.566-579, 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/tla/a/5Ph6GFw7bnKVfBNjTxHk6qy/abstract/?lang=pt>> Acesso em 07 de março de 2022.

CHAMBERS, Jack K. *Sociolinguistic Theory*. Blackwell: Oxford, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope.; McCONNELL-GINET, Sally. *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ECKERT, Penelope. Communities of Practice, In: BROWN, K.; ANDERSON, A. H. (Eds.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*, Elsevier: Oxford, 2006, v. 2, p. 683-685.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1992, p.7-13.

LANDULFO, Cristiane M. C. L.; MATOS, Doris C. V. S. (Orgs). *Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. São Paulo: Pontes Editores, 2022, 421p.

LYONS, Christopher. *Definiteness*. Cambridge: University Press, 1999.

MOTA, Jacyra A. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A.; MATTOS E SILVA, Rosa V. (Orgs). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Edufba, 2016, p.

MÜLLER, Ana. Nomes nus e o parâmetro nominal no português brasileiro, *Revista Letras*, n.58, p. 325-337, Curitiba: Editora UFPR, jul/dez. 2002. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18363>> Acesso em 04 de março de 2022.

SAMPAIO, Ivanete da H. Identidades em fluxo. In: LANDULFO, Cristiane M. C. L.; MATOS, Doris C. V. S. (Orgs). *Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. São Paulo: Pontes Editores, 2022, p. 201-206.

SCHWINDT, Luiz C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da Abralín*, v. 19, p. 1-23, 2020. Disponível em <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709>> Acesso em 03 de março de 2022.

OYÈWÚMI, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

WEINEREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].